

DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Esta edição da Revista Relicário abriga um dossiê: **Corpos, identidades, singularidades em movimento**, que reúne artigos de pesquisadoras/es que investigam os significados e as implicações da visibilidade social crescente de movimentos que discutem a diversidade sexual e de gênero, tendo por objetivo ampliar os debates no meio acadêmico e na sociedade brasileira destes temas. Neste quarto número (v. 2, n.4) busca-se publicizar os conflitos entre atores sociais distintos e a necessidade de políticas públicas que promovam o respeito às diferenças e multiplicidades evitando a violência tão recorrente em relação a estas particularidades.

Neste cenário, a reflexão acadêmica tem sido feita dentro de dois grandes campos. De um lado, no campo de estudos feministas/de gênero e de estudos *queer*, com autores como Judith Butler, Joan Scott, de outro, no campo mais amplo do pensamento social contemporâneo, com autores como Anthony Giddens, Pierre Bourdieu ou Zygmunt Bauman que têm discutido a relevância política da compreensão das possibilidades de redefinição das formas de organização das sociedades humanas.

A expansão e o enriquecimento por meio do conceito “gênero” na versão de História Cultural foram acompanhados por renovação das metodologias, redefinição e ampliação do objeto de conhecimento histórico, levando à descoberta de temporalidades heterogêneas, tempos fragmentados e descontinuidades, novas fontes e um campo multidisciplinar. A partir dos anos 1980, concebe-se um sujeito constituído no gênero e não apenas na diferença sexual, por meio de códigos linguísticos, inserido não só nas relações entre os sexos, mas em relações múltiplas. **O gênero passa a ser um conjunto de produtos e processos sociais, que representa não o sexo, e sim uma relação social.**

Butler discute como a visibilidade das marcas de gênero está, sobretudo, evidenciada nos contornos corporais e como é difícil pensar, política e conceitualmente a constituição de gênero fora das estruturas sexuais hegemônicas. O projeto da autora inclui entender como se constrói a forma naturalizada de inteligibilidade dos próprios

corpos, mostrando como as identidades se dão a partir de exclusões. Para ela, a normatização da sexualidade está intrinsecamente ligada à regulamentação do prazer em um mesmo regime de produção discursiva e de distribuição de poder. Nessa perspectiva, ela retoma o debate acerca da noção de desconstrução do sexo e levanta a questão dos corpos que importam para a sociedade (normais e exemplares).

O desafio de Butler está em tentar delinear uma nova compreensão sobre o que venha a ser a materialidade do corpo e a própria noção de matéria que, no seu entendimento, não pode ser tratada como substância, mas como processualidade, produzindo o efeito de fronteira (fixidez e superfície). A materialização requer um processo de identificação através do qual as normas são assumidas ou apropriadas e adquire vários contornos, contingentes, que estão interligados no mesmo regime de inteligibilidade do prazer, da eroticidade, de gênero.

Em suma, a matéria corpórea manifesta e compõe os jogos de força que engendram uma determinada morfologia, cujo valor social será dado de acordo com a aproximação ou não da matriz corporal que tem significação, relevância cultural. Certos corpos são considerados ininteligíveis e por isso tratados como objetos, deformações.

Enfim, se a formação da subjetividade não está baseada nem em uma ontologia corpórea nem em uma estrutura simbólica fechada em termos heterossexuais, quais são os termos nos quais ela se constitui? Butler pensa a atuação de gênero como uma ação de repetição, imitação, uma performance cuja teatralidade é inconsciente mas nem por isso isenta das relações de força e poder. A teatralidade, então, não está na representação, mas na desnaturalização de toda e qualquer identidade desempenhada. A performance, a paródia é a própria condição de subversão – é possível deslocar, recontextualizar e prefigurar novos contornos de gênero.

A coerência de gênero é efeito de um jogo de forças, práticas (discursivas e não discursivas) que regulam tanto a formação de gênero como as normas de inteligibilidade por meio das quais elas assumem visibilidade e significado.

Nesse sentido, o tema da desigualdade social demanda uma discussão acerca das desigualdades de gênero. E estas, não se restringem aos aspectos materiais e envolvem um complexo simbólico que define lugares distintos para homens e mulheres em

diversos campos sociais. O dossiê teve como objetivo propor reflexões a pesquisas realizadas sobre estas questões, procurando incorporar abordagens múltiplas – a partir de análises teóricas e de trabalhos empíricos – nos campos da História, Ciências Sociais e Educação.

O artigo que abre o dossiê “Transexualidades: os rostos do estigma e da exclusão social”, de Jaime Alonso Caravaca Morera (Universidade de Costa Rica/Universidade Federal de Santa Catarina), analisa as diferentes manifestações do estigma e da exclusão social entre a população transexual que, segundo o autor, têm sido influenciadas pelos dispositivos de controle heterocisnormativo. Aspectos pessoais, cognitivos, emocionais, estruturais e comportamentais emergem da ideologia patologizante da condição transexual e das outras manifestações da corporeidade e sexualidade relativas à concepção ontológica dos sujeitos.

O artigo seguinte, de Guilherme Rodrigues Passamani (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), “O casamento como ‘armário’: histórias de um homem com conduta homossexual no Pantanal de Mato Grosso do Sul”, propõe pensar as convenções de gênero e sexualidade construídas a partir da relação com os diferentes regimes de visibilidade a que esse sujeito esteve submetido ao longo do curso de sua vida.

Steferson Zanoni Roseiro (Universidade Federal do Espírito Santo), no seu artigo “Devir-mulher em uma experiência com o grupo Clamp” discute as transversalidades em/de gêneros apresentadas em mangás produzidas pelo Grupo CLAMP, problematizando tramas e corpos produzidos nos encontros com o feminino. Toma em Guatarri (1985) a proposta no devir-mulher que atravessa corpos, ideias e espaços, criando outros possíveis para os modos de viver.

“O apego pela noite: a prostituição de travestis na cidade de Guarapuava/PR”, de Luana Oliveira; Thalita Rafaela Neves; Briena Padilha Andrade; Rafael Bozzo Ferrareze; Rafael Siqueira Guimarães (Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO) e em especial, o “Trabalho noturno: a prostituição de travestis na cidade de Ponta Grossa/PR” de Rafael Bozzo Ferrareze (Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO), mostram as condições de vida destes atores sociais e a violência

que os cerca em seu cotidiano. Excluídas por preconceito do mercado de trabalho formal, essas profissionais recorrem à prostituição como forma de garantirem seu sustento em meio à sociedade. A noite não é fácil, é o que a maioria das travestis relata ao dizer que se está ali, na noite, com o intuito de sobrevivência, a garantia de um possível sustento. Segundo a/os autora/es ainda que estigmatizadas estas profissionais não desistem de viver suas verdadeiras identidades de gênero mostrando a toda sociedade que estão presentes em todos os locais de sociabilidade. Assim, conseguem derrubar os estigmas e termos pejorativos que lhes foram impostos simbolicamente ao longo dos anos.

Na sequência, os artigos livres continuam dando prosseguimento à proposta editorial da revista, que privilegia assuntos sobre espiritualidade e o fenômeno religioso, filosófico, moral, educacional. José Augusto Rodrigues dos Santos (Professor Associado da Faculdade de Desporto/Universidade do Porto), inicia estes temas com o artigo “Sou um corpo ou tenho um corpo?”. Segundo o autor, para os espiritualistas o corpo é um mero invólucro da alma, sujeito à corrupção do tempo e finito como realidade biológica. Para os filósofos espiritualistas, a alma, é a dimensão importante do ser, a expressão imortal do ser e por isso escapa da inexorabilidade das leis biológicas. Com este ensaio, analisa o valor ontológico do corpo e da alma, à luz, quer dos postulados espiritualistas quer da lógica materialista.

No texto, “Ressurreição: ‘A misericórdia’, de Lucia Castello Branco, Jonas Miguel Pires Samudio (UFMG) realiza uma leitura do conto, cotejando-o com imagens de outros contos do livro *Preces para a amiga submersa* (2013), a partir da imagem da ressurreição; com isso, no seu modo de ver, não há tematização religiosa, mas uma leitura que trata da experiência da escrita. Para isso, compreende “ressurreição” como movimento de continuidade disruptiva: o texto-ressurreição se encontra com a singularidade daquele que, por seu corpo, lê.

Rodrigo da Silva Felix (UFU), no seu artigo “A Verdade vos libertará: quais verdades?” fez uma importante reflexão sobre a questão da verdade, ou das verdades, e como estas são entendidas no âmbito filosófico, teológico e pela História e, portanto, a relação do indivíduo neste processo.

No artigo “As Contribuições de Emília Ferreiro ao Processo de Alfabetização”, Geraldo Eustáquio Moreira (PUCSP) identifica as contribuições de Emília Ferreiro sobre os fatores estruturantes da construção da linguagem oral e escrita no processo de alfabetização. As diversas leituras realizadas, tendo como referencial teórico-metodológico as obras de Emília Ferreiro, evidenciaram, por um lado, a presença marcante das ideias ferreirianas, bem como suas contribuições, mas, também por outro lado, as manifestações de dúvidas e críticas acerca do pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora.

Na casa do ‘Senhor’? O papel da religião nas relações de trabalho do emprego doméstico, Cleiton Ferreira Maciel Brito e Jeanne Mariel Brito de Moura Maciel (UFSC) a partir de um estudo de caso de uma família de classe média alta da cidade de Manaus, buscaram discutir o papel da religião como elemento construtor de um tipo de percepção sobre o emprego doméstico que tem implicações profundas na relação entre empregada(o) e empregador. A religião funciona como processo dialético, configurando-se enquanto fonte de legitimação e de resistência no emprego doméstico

Em Notas, no texto “Para receber a memória d-o-que-vem”, Jonas Miguel Pires Samudio (UFMG) comemora a abertura do MAS: Museu de Arte Sacra de Uberlândia, propondo uma reflexão do “museu” como lugar de acolhida de uma memória inconclusa, a memória do *o-que-vem*. Para isso, o autor parte-se de dois fragmentos, de Giorgio Agamben e de Martin Heidegger, acerca da “comunidade” e do “tempo”.

Para além de aprofundar nestes estudos, organizar este número da revista se constituiu num grande desafio.

A todos, uma boa leitura!

Profa. Dra. Dulcina Tereza Bonati Borges
Editora da revista e organizadora do dossiê.